

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO
ARCHE - REVISTA DISCENTE DE ARQUEOLOGIA

Caderno de Resumos do I Encontro de Pesquisas Arqueológicas Invisibilizadas



Organização:
Fábio Ortiz Goulart
Vanessa Avila Costa
Yasmin Acosta da Silva



ARCHE
RIO GRANDE, RS
JULHO DE 2020

© Autores, 2020.

Comissão organizadora do I Encontro de Pesquisas Arqueológicas Invisibilizadas:

Adara Guimarães de Souza
Anderson de Oliveira Gomes
Danusa Vieira Freire da Silva
Maria Helena Lopes Sant'Ana
Newan Acacio Oliveira de Souza
Shay de los Santos Rodriguez
Vanessa Avila Costa
Yasmin Acosta da Silva
Yuri Givago Yung Grillo

Diagramação e editoração: Fábio Ortiz Goulart.

Organização: Fábio Ortiz Goulart, Vanessa Avila Costa e Yasmin Acosta da Silva.

Os trabalhos que compõem a presente obra são de inteira responsabilidade de seus/suas respectivos/as autores/as. Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Ficha Catalográfica

E562 Encontro de Pesquisas Arqueológicas Invisibilizadas (01: 07-08 nov. – 2019 : Pelotas, RS)
Caderno de Resumos do I Encontro de Pesquisas Arqueológicas Invisibilizadas [Recurso Eletrônico] / Organizadores Fábio Ortiz Goulart, Vanessa Avila Costa, Yasmin Acosta da Silva. – Rio Grande, RS: ARCHE, 2020.
91 p.

Evento realizado nas dependências da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), em colaboração com a Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Publicação em colaboração com a Arche: Revista Discente de Arqueologia da FURG.

Disponível em: <https://arche.furg.br/anais-de-eventos>

ISBN: 978-65-00-06646-3

1. Arqueologia 2. Materialidade 3. Produção Discente
4. Resistência I. Goulart, Fábio Ortiz II. Costa, Vanessa Avila
III. Silva, Yasmin Acosta da IV. Título.

CDU 902

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
A POPULAÇÃO DE RIO GRANDE ESTÁ DOENTE: UMA ANÁLISE ARQUEOLÓGICA SOBRE AS PRÁTICAS DE CURA DO SÉCULO XIX	6
DA REDE À FÁBRICA: UMA ARQUEOLOGIA DAS MULHERES TRABALHADORAS DE SÃO JOSÉ DO NORTE	9
SOBRE A MATERIALIDADE DE FÃS DE BL E A CONSTRUÇÃO DO SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO	12
ACERVO ARQUEOLÓGICO: O EMERGENTE DESAFIO DE UM ACERVO DIGITAL PARA A RESERVA TÉCNICA ARQUEOLÓGICA – LEPAN.....	14
ARQUEOLOGIA PÚBLICA E PAISAGEM NO CAIS JOSÉ ESTELITA, RECIFE: ‘O QUE O ESTELITA QUER SER?’	17
O POVOAMENTO AMAZÔNICO A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA BIOCULTURAL.....	20
A APLICAÇÃO PRÁTICA DA FOTOGRAMETRIA DIGITAL PARA DOCUMENTAÇÃO DE ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS	22
O BAIRRO CASTELO BRANCO I: UMA ARQUEOLOGIA DA E NA PERIFERIA	25
A DITADURA NO INTERIOR PAULISTA: AS MORTES DE ALTAIR E MARIA	28
AMBIENTE DOMÉSTICO OU DOMESTICADOR? A ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA PARA ENTENDER AS RESIDÊNCIAS DO INÍCIO DO SÉCULO PASSADO	31
ARQUEOLOGIA REGIONAL NA BAÍA BABITONGA: CONSIDERAÇÕES SOBRE OCUPAÇÃO E MOBILIDADE GUARANI	34
CODINOME MACUMBA: A VIDA NA TENDA DE NAÇÃO AFRICANA DO PAI OXALÁ E SUAS ESTRUTURAS SAGRADAS	37
PERCEPÇÃO E APROPRIAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO DO VALE DO CATIMBAU PELOS POVOS INDÍGENAS KAPINAWÁ: UM ESTUDO SOB O OLHAR DA ARQUEOLOGIA PÚBLICA	40
ARQUEOPOESIA: UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA DE RESISTÊNCIA À COLONIALIDADE	43
OFICINA CAMADAS SIMBÓLICAS DA MATERIALIDADE: RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA E SUAS FORMAS DE HABITAR	46
<i>PYRRHYCHE</i> : A DANÇA EM ARMAS NA OBRA DE ATENEU DE NÁUCRATIS (SÉC. II-III D.C.) ...	49
NAS PAREDES DAS CABINES DOS BANHEIROS PÚBLICOS MASCULINOS: ARQUEOLOGIA DAS EXPRESSÕES DO PRAZER E DO ÓDIO	52
ARQUEOLOGIA SOB UMA PERSPECTIVA QUEER: IMPORTÂNCIA E DESAFIOS DA PESQUISA DA CHARQUEADA A LEITARIA: AS MODIFICAÇÕES NA PAISAGEM	55
A CERÂMICA PAULISTA E O APAGAMENTO EPISTEMOLÓGICO DAS MULHERES TUPINIQUIM NA CAPITANIA DE SÃO VICENTE, BRASIL	58
O COMPLEXO INDUSTRIAL DO ENGENHO PEDRO OSÓRIO A PARTIR DA ARQUEOLOGIA DA ARQUITETURA	61
PENSANDO A EDUCAÇÃO COMO LIBERTADORA: UMA PROPOSTA DE OFICINA DIASPÓRICA EM UM CURSO POPULAR	64
UMA ARQUEOLOGIA DO URBANO NA AMAZÔNIA	67
EMPODERAR E INCLUIR: TODOS POR UMA ARQUEOLOGIA DIGITAL MAIS DIVERSA, ACESSÍVEL, IGUALITÁRIA E MENOS NORMATIVA	70
COBRAS GRANDES E OLHOS DE BOTO EM TODA A PAISAGEM: RELAÇÕES ENTRE O CONHECIMENTO SITUADO AMAZÔNICO E ARQUEOLOGIA	73
ARQUEOLOGIA DAS MASCULINIDADES: PIRÂMIDES INVERTIDAS DAS TRANSMASCULINIDADES	76
O RECURSO AUDIOVISUAL COMO MANIFESTAÇÃO DA ARQUEOLOGIA: EM FOCO O VÍDEO ARQUEOLÓGICO “EVOCANDO PAISAGENS – UMA CARTOGRAFIA DE MEMÓRIAS DA GRIÔ”.	79
FLOR DE PAPEL: ARQUEOLOGIA, PERFORMANCE E MEMÓRIA	82
ESPETÁCULO, FETICHE E REIFICAÇÃO NA MATERIALIDADE ARQUITETÔNICA DE PELOTAS OITOCENTISTA	85
	88

A CERÂMICA PAULISTA E O APAGAMENTO EPISTEMOLÓGICO DAS MULHERES TUPINIQUIM NA CAPITANIA DE SÃO VICENTE, BRASIL

Marianne Sallum*, Hyrma Ioris** & Francisco Silva Noelli***

*marisallum@usp.br

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, Brasil

**hyrma.ioris@outlook.com

Universidade Metropolitana de Santos, Brasil

***francisconoelli@edu.ulisboa.pt

Universidade de Lisboa, Portugal

1. INTRODUÇÃO

Nosso objetivo é compreender a persistência de práticas cerâmicas que chegaram até hoje, a partir da relação entre partes dos Tupiniquim e dos portugueses a partir de 1502, em um processo colonial ímpar no Brasil. Neste contexto, as mulheres mantiveram a autonomia que tinham antes de 1500, assim permanecendo até o século 18, quando a crescente imigração de portugueses causou mudanças que reconfiguraram a composição sexual diante de novas normas de hierarquia e submissão coloniais na maioria dos núcleos urbanos e onde prosperaram plantations (FIGURA 1). Contudo, as mulheres das comunidades agroflorestais mantiveram algumas estratégias de autonomia, tanto que nas últimas décadas as novas gerações assumiram a luta por igualdade, educação e diversidade de gênero. Além de conhecimento e autonomia, elas definiram sociabilidades para articular comunidades de práticas, incorporando outras pessoas, diferentes significados e outros materiais e tecnologias. Elas optaram pela mudança; adequaram-se para persistir (SALLUM; NOELLI, 2020).

Figura 1. Área inicial de produção da cerâmica paulista.



O processo de formação das comunidades começa com as mulheres Tupiniquim e o seu papel ímpar no estabelecimento de alianças sociais, diferenciação de gênero e relações de produção (CONKEY, 2003). Elas criaram e produziram materialidades, como as vasilhas cerâmicas, estabelecendo um modo de compartilhar diversos saberes e linguagens que conectaram gerações. Essa cerâmica foi primeiro definida pela perspectiva etnográfica nos 1960 (SCHEUER, 1976), chamada de “cerâmica popular de São Paulo”. Scheuer ofereceu informações sobre as ceramistas, processos de transmissão de conhecimentos e o seu contexto de produção, assim como a descrição da cerâmica de oito comunidades. Também fez um inventário da memória genealógica, com uma linhagem mulheres que recuava a 1850, fato confirmado pelos dados arqueológicos de Peruíbe, que alcança o século XVII (SALLUM, 2018). O importante é que Scheuer evidenciou ação e a prática das mulheres, desconhecidas da academia naquele momento, apesar de suas cerâmicas terem sido

coletadas para alguns museus de São Paulo. O fato é que antes deste projeto, não se conhecia a longa trajetória dessa cerâmica. Verificamos a existência de um processo histórico de cinco séculos de transmissão de conhecimento entre as gerações de comunidades de práticas de mulheres, começando com as Tupiniquim, passando para as suas descendentes com os portugueses e para as mulheres que vieram de fora.

2. METODOLOGIA

Nós: i) analisamos 3 mil fragmentos e vasilhas semi-inteiras do sítio arqueológico Ruínas do Abarebebê, no Museu Histórico e Arqueológico de Peruíbe e no MAE-USP; ii) visitamos 37 museus (SP, PR, RJ e MS) e analisamos 230 vasilhas (187 tupiniquim, 54 “cerâmica popular de São Paulo”); iii) iniciamos trabalho de campo etnográfico com ceramistas nas cidades onde Scheuer pesquisou, em busca de dados tecnológicos e memórias; iv) lemos fontes escritas publicadas e inéditas, a maioria sobre São Paulo (séculos XVI, XVII e XVIII); v) começamos um banco de dados sobre a linguagem da cerâmica e dos seus usos em São Paulo e Paraná (SCHEUER, 1976) e Portugal (BUGALHÃO; COELHO, 2018; FERNANDES, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nós revisamos a definição Scheuer, por termos encontrado registros que a conectar inequivocamente as ceramistas do século XX com a Tupiniquim. Nós a definimos como cerâmica paulista (NOELLI; SALLUM, 2019): “cerâmica comum portuguesa apropriada e transformada no século XVI pelas Tupiniquim da área de São Vicente, para uso nos assentamentos coloniais e reproduzida até o presente na região sudeste de São Paulo”. Esta definição está embasada no registro arqueológico das vasilhas escavadas em Peruíbe e nas publicadas bibliografia, nas coleções de museus e no processo histórico de formação colonial. A cerâmica foi produto da relação e troca de conhecimentos e tecnologias num contexto particular que levou à formação dos primeiros núcleos coloniais, na área entre os assentamentos entre São Vicente e Itanhaém. E a sua persistência resultou do: 1) consumo integrado ao estilo de vida agroflorestal autodeterminado e autossustentado dos Tupiniquim no interior da Mata Atlântica; 2) renovada decisão de manter a cerâmica, transmitindo conhecimentos entre as gerações. Consideramos que a persistência não é sinônimo de continuidade, pois engloba mudanças (SILLIMAN, 2009). Ela articula intencionalmente “certas práticas e identidades relativas à luz de novas economias, políticas e realidades sociais... unindo efetivamente passado e presente numa dinâmica e inquebrável trajetória” (PANICH; ALLEN; GALVAN, 2018:11-12).

O apagamento epistemológico não foi apenas dos arqueólogos, mas também dos historiadores e etnógrafos. Não houve um interesse em analisar mais amplamente as fontes escritas, as próprias pessoas e suas memórias. Pudemos conferir em campo que as mulheres ceramistas do presente possuem memórias que recuam ao século 19, ao mesmo tempo em que os livros de cartório e das igrejas permitem mapear as genealogias das suas ancestrais a períodos muito mais recuados. Também é possível tentar conferir as genealogias a partir do século XVI. As fontes escritas registram a partir do século 18, por todo o sudeste de São Paulo e nordeste do Paraná, inúmeros locais no interior da floresta habitados pelos chamados “antigos paulistas”, não fluentes em português, e que não produziam intensamente para o comércio, com poucos dados quantificáveis para estudos de interesse econômico e que não venderem sistematicamente a sua força de trabalho, geralmente ficaram fora das estatísticas oficiais.

Um relato de 1820 retrata o assentamento e estilo de vida agroflorestal: “um mísero casebre feito de varas fincadas umas ao lado de outras e que davam passagem ao vento e à chuva. Algumas panelas e esteiras eram tudo que havia na casa, e seus moradores estavam

cobertos de andrajos” (SAINT-HILAIRE, 1851). Este viajante, assim como os arqueólogos e outros acadêmicos, ignoraram a vida autossustentada de pessoas que dependiam apenas de si próprias, dos seus conhecimentos e das suas redes locais de colaboração. Estereotipou-as como metonímia de pobreza e da perda cultural; o despojamento e aparência de suas residências como metáfora da indolência e da miséria.

De fato, as suas residências eram biodegradáveis e deixaram como evidência somente os escombros dos seus fornos e dos acúmulos de restos de vasilhas quebradas durante o processo produtivo ou do seu uso. De certa forma essas pessoas não precisaram de ninguém para emergir do apagamento. Elas deixaram pilhas de descartes que constituíram a paisagem, marcas eloquentes da sua prática autodeterminada. A persistência dessas práticas prosseguirá enquanto as mulheres continuarem produzindo a cerâmica paulista.

REFERÊNCIAS

BUGALHÃO, J.; COELHO, I. Cerâmica Moderna de Lisboa: proposta tipológica. I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação. **Anais...**Lisboa: Imprensa Municipal/Câmara Municipal, 2018.

CONKEY, M. Has Feminism Changed Archaeology? **Journal of Women in Culture and Society**, v. 28, n. 3, 2003.

FERNANDES, I. **A loiça preta em Portugal**: Estudo histórico, modos de fazer e de usar. Minho: Universidade do Minho, 2012.

NASCIMENTO, H. Cerâmica Folclórica em Apiaí. **Revista do Arquivo Municipal**, n. 186, p. 45–121, 1986.

NOELLI, F. S.; SALLUM, M. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas tupiniquim em São Paulo e Paraná, Brasil. **Mana**: Estudos de Antropologia Social, v. 25, n. 3, p. 702–742, 2019.

PANICH, L. M. Archaeologies of Persistence: Reconsidering the Legacies of Colonialism in Native North America. **American Antiquity**, v. 78, n. 1, p. 105–122, jan. 2013.

PANICH, L. M.; ALLEN, R.; GALVAN, A. The Archaeology of Native American Persistence at Mission San José. **Journal of California and Great Basin Anthropology** |, v. 38, n. 1, p. 11–29, 2018.

SAINT-HILAIRE, A. DE. **Voyage dans les provinces de Saint-Paul et de Sainte-Catherine**. 1. ed. Paris: Libraire-Éditeur, 1851.

SALLUM, M. **Colonialismo e Ocupação Tupiniquim no litoral sul de São Paulo**: uma história de persistência e prática cerâmica. [s.l.] Universidade de São Paulo, 2018.

SALLUM, M.; NOELLI, F. S. An Archaeology of Colonialism and the Persistence of Women Potters' Practices in Brazil: from Tupiniquim to Paulistaware. **International Journal of Historical Archaeology**, p. 1–25, 2020.

SCHEUER, H. **Estudo da cerâmica popular do Estado de São Paulo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1976.

SCHEUER, H. L. **A Tradição da Cerâmica Popular**. São Paulo: Escola de Folclore\Editora Livramento, 1982.

SILLIMAN, S. Change and Continuity, Practice and Memory: Native American persistence in colonial New England. **American Antiquity**, v. 74, n. 2, p. 211–230, 2009.

APOIO



DA!Arqueo



PRIMAVERA
DE LUTA
DCE/UFPEL



GPCIE – Grupo de Pesquisa
Cultura, Imaginário e Educação

